

O TEMADO MAL EM JUNQUEIRA FREIRE

Celestino Sachet — Universidade Federal de Santa Catarina

Introdução

Para Antônio Cândido, há em Junqueira Freire “um conflito da forma e da sensibilidade”. E **Inspirações do Claustro** seria, apenas, “o drama de um erro que o levou ao claustro, onde não pode se aquietar”.

Não parece que se tenha, apenas, um simples caso de desajustamento profissional. Os conflitos são muito mais profundos; seus poemas transcendem de um simples erro de escolha de vocação para mergulharem num profundo conflito existencial, diante, não tão somente, do Bem e do Mal, do Certo e do Errado, de Deus e do Diabo, da Noite e do Dia. Mas, pelo princípio da contradição, do Mal que é o Bem. Do Diabo, que é Deus. Do Inferno, que é Paraíso.

Junqueira Freire, antes do claustro, no claustro, ou depois do claustro — porque não dizer **sempre**, é o pobre vate romântico, é o pobre mortal-cristão, para quem o mundo, porque é um inferno, deve ser deixado o quanto antes:

“Aí! praza a Deus que breve,
Tão breve como a flor,
Ardendo o incenso, — ardendo,
Qual virginal rubor,
Transponha aos céus a alma
Do triste trovador!” — (O incenso do altar).

Muito mais que romântico ou clássico — ou mesmo neo-clássico no dizer do professor paulista — no Junqueira Freire

de **Inspirações do Claustro**, há a insatisfação desesperante por ter que estar num mundo que não oferece a mínima possibilidade de realização. E por ter sido, ele, o Escolhido para executar uma Missão Impossível:

“Eu que tenho lutado contra a vida,
Bebido noutra cálice de dores,
Jovem! não posso meditar doçura,
Cantar ternos amores.

E se eu quisera, disfarçando angústias,
Cantar suave a tua bela Armia,
Jovem! — de todos eu teria em paga
Um riso de ironia.” — (O pedido)

“Por que se me extasia a mente às vezes,
— E quanto fui beber no céu, no inferno,
No mundo, em tudo, que medito ou vejo,
Por maus lábios de vate se derrama
Em torrentes de harmônica linguagem?

Porque Deus pôs em meu peito
Um tesouro de harmonia:
Deu-me a sina de seus anjos,
Deu-me o dom da poesia,

Cantarei o céu, o inferno,
O mundo, — o que me aprouver
Cantarei a Deus, o homem,
Os amores da mulher:
Cantarei, enquanto vivo,
Porque Deus assim o quer!”
(Por que canto,)

No presente trabalho, através do tema do Mal, há uma tentativa de mostrar a visão pessimista de um mundo real e conflitante. Um Mundo-Paraíso-Perdido. Ante-sala de um Paraíso-A-Ser-Conquistado. Um Mundo contraditório onde:

— “Tudo é Deus, tudo é Deus! — o mais são nomes”

(O apóstolo entre as gentes)

e, no entanto:

“Meu Deus! não há sequer uma alma pia!” — (Os claustros)
Mesmo nos claustros!

“Deus! em teu nome Satanaz impera!

Aqui nos claustros os demônios moram”. — (O Monge)
Inspirações do Claustro, pela montagem de sua estrutura ideológico-filosófica, é nitidamente uma obra de inspiração evangélico-redentora.

Há um Mundo que é sinônimo de Mal. Há um mundo que precisa ser redimido. Há um mundo que não se redime. Ao cristão-trovador, qual novo Cristo descido-para-salvar, num trabalho de salvação inútil, nada mais resta do que ansiar pela morte. Para, com ela, percorrer a Subida rumo à Mansão Celestial.

1. O Mundo-que-é-o-Inferno

Quando se **desce** a este mundo, encontra-se o Inferno representado pelo tema da Grande-Cidade:

"Ele escondeu-se na solidão das lapas,
Nas desertas montanhas de Cassino,
Fugindo Roma, — a dona dos triunfos,
Roma, — a senhora das nações da terra?
E os bailes dela e as cívicas delícias
E os áulicos salões, onde reinavam
A mentira, a traição, o vício, e o crime,
Disfarçado nos risos dos hipócritas,
Nos ademães dos cortesãos imundos."

— (O apóstolo entre as gentes)

É um mundo que "escarnece as virtudes" (**Nênia**), é um mundo no qual "uma hora de gosto/mil horas de dores traz" (**A Flor murcha do Altar**), é o mundo, apenas, uma "vã cidade" que dorme um sono sensual e pobre onde:

"... as estrelas e a lua, — de ofendidas,
O inútil brilho em negro véu trocaram" (**Os claustros**)
E onde a cruz, símbolo da redenção
"Foi calcada aos pés, lançada ao fogo" (**Os claustros**)
O mundo é mau. O mundo é o Inferno. Para quê ter nascido?

"Por que e para quê rompeu meu corpo
Do embrião,
Pela miséria e para a morte interna
Do coração! (**Meditação**)

Que futuro espera os que nascemos com o estigma da desgraça e da consciência da inutilidade do existir?

"Quando este século do egoísmo e vícios
Entre o rugido e o horror do pensamento
Derradeiro ansiar... que herança
Que legará nas vésperas da morte
Aos filhos seus, aos séculos por vir?

"Os netos do futuro, os nossos netos
Hão de amaldiçoar com mão de fogo

Aos livres do presente, — e ao patrimônio
De infâmia, que os avós lhes assinamos"
(**Os claustros**)

Em síntese: um "século de egoísmo e vícios" (**Os claustros**)
É um mundo cuja vitória se alcança sem dele se afastar. E há muitos caminhos para se tentar esta vitória: há o "fugere urbem" dos arcádicos numa buscada felicidade natural em contraste com a desgraça de ser civilizado e ser obrigado a viver na grande cidade:

"Ó destinos do céu! por que não somos
Ainda agora os índios das florestas?"
(**O apóstolo entre as gentes**)

O caminho está, igualmente, em cultivar o **Passado**:

"Assim dos justos a memória vive

No recordar das gerações passadas" (**Os claustros**)

em retornar ao **Paraíso Perdido** pelo pecado:

"Nos pios avós chamando os netos
Ao adro do casal, — e os reclinando
Por sobre a grama, no luar de prata,
Entre longo serão, — lhes vão contando
As lendas que da boca autorizada
Dos pais beberam" (**Os Claustros**)

em cultivar a **Religião**:

"Salve, Religião, sublime idéia,
Que tanto encantas feiticeira as almas!
Sobre teu inventor, mil benções caiam!
Profeta do Senhor! seja o teu nome
Ainda além dos séculos bendito!
Desde numa ilusão um gozo aos homens" (**O converso**)

em buscar a **Solidão**:

"Correndo assombrado
Do vulto gravoso,
Veloz pressuroso,
Demando a solidão" (**Misantropo**)

A solidão do claustro? Dos túmulos? Da noite? Não vem ao caso. Basta a **solidão**.

2. Visões paradisíacas para um Inferno Terrestre

Porque nos claustros "os demônios moram", mesmo vivendo neles, ou mesmo vivendo no Inferno que é a Terra, o Vate, o Predestinado, será capaz de, por aqui, encontrar pequenos cantos do Paraíso que todos pretendemos.

As visões e os sonhos que muito povoaram o Paraíso dos Românticos, estão continuamente presentes na obra de Junqueira Freire.

Tanto no tempo quanto no espaço.

Do tempo, é a **noite** que traz as visões beatíficas do Paraíso:

"Hora da noite, — hora solene e sacra
A reflexão:
Quando do mesmo sono o pobre o rico
Dormindo estão.
Gosto de vós, sombras da noite queda,
Morte do dia,
Que me amparais dos cálidos esgares
Da hipocrisia.
Posso então retrair-me em minha essência
Viver comigo,
Não me rodeia do traidor a máscara
Com côr de amigo" (**Meditação**)

"Eu te saúdo, viração da noite,
Frescor suave e triste! (...)
O teu sereno arfar alembra aos homens
Quase um gozo do céu" (**O monge**)

A noite, além dessa visão beatífica de Paraíso, é, igualmente, a musa inspiradora do Poeta, o qual, sozinho, com ela, mais fácil constrói a missão de evangelizar.

"Eu sinto, eu sinto o impulso de adorar-te

Sê minha musa, ó viração da noite.
Leva-me, pois, extasiado e livre
Aos lares do infeliz. Se alguém se queixa,
Quero co'os dele compartilhar meus males"
(**O monge**)

Mas o Poeta também é um pobre missionário que não alcança cumprir, durante a noite, a totalidade de sua missão:

"Assim o dia desmancha

Os sonhos que a noite faz" (**A flor murcha do altar**)

A busca do Paraíso está, igualmente, na volta ao Passado. Porque o presente é "luto, mágoa e dó" e o futuro "um cálculo provável, uma esperança só." (**Canto**) E, como símbolo do passado, a **solidão dos túmulos**:

"Vinde estudar na lápida dos túmulos

A sorte de porvir" (**Os dois cadáveres**)
E porque o Futuro é uma esperança de alcançar, nesta terra, o Paraíso que tanto ansiava, o Poeta buscou no claustro a concretização de suas esperanças de Prazer e de Realização:

"Eu também antevi dourados dias
Nesse dia fatal
Eu também sonhei contente
Uma ventura igual" (**A profissão...**)

E, no entanto,

"Teu presente, meu filho, é tão triste!
Que será teu futuro e teu fim?
E quem pode esperar mais horrores
Quem começa com tantos assim!" (**Meu filho no claustro**)

Entre os túmulos e o claustro, não há pois que titubear. Só os primeiros podem oferecer Esperança a um Vate Predestinado:

"Ei-lo final tesouro de ventura,
Que a par da salvação — ansia o bardo,
— Misérrimo! que já não mais anima
Na terra um sonho de bonança e glória:
A quem lábios rubros da esperança
Não mais sorriem seu sorrir de graças.
Não: — que lhe sobra uma esperança: — o túmulo"
(**Os claustros**),

embora os claustros — e aqui está o tema da Contradição, que é permanente em Junqueira Freire — possam ser a Salvação a quantos Deus assim predestine.

No poema — **Os Dois Cadáveres**, o Poeta alerta:
"E vós, filhos do mundo, — e vós, que tendes
Menoscabado, ironizado os claustros,
Vede aquele sepulcro. Ali na pedra.
Lereis nossa loucura, alfim vencida
De pejo e confusão, — indo esconder-se
Por entre as nossas orgulhosas palmas
de fúnebre vitória."

3. O Eu Desesperado-E-Maldizente

O Ministro de Deus, o arauto profissional da verdade religiosa num nihilismo exacerbado está convencido de que nada valem o esforço e o sacrifício.

"Deus! teu filho deixou teu selo eterno
Para salvar a humanidade, — e eu sofro

Debaixo de teu nome inuteis penas!" (**O monge**)

Diante de tantas contradições, como homem, como monge, como romântico, como Peota, logo que se desfazem as ilusões e os sonhos, Junqueira Freire se desespera. Blasfema. Chega a desafiar o próprio Deus, numa repetição clara da passagem Bíblica da Revolta dos Anjos:

"Maldigo as estrelas,
As nuvens, a aurora,
A queixa sonora
Das aves do céu.

Os homens odeio,
Com ódio profundo,
Com ódio que o mundo
Não pode entender.

Então quanto quero
Derramo no peito,
O fel que, desfeito,

Não posso conter." (**O misantropo**)

No poema "O Misanthropo", Junqueira Freire tem uma nítida página da beleza meduséia. Mas, enquanto, para os românticos, a descoberta do horror vinha como fonte de prazer e de beleza, no poeta brasileiro, melhor, no poeta é imagem enganadora e contraditória. Que tanto pode ser o Anjo ou Satanás:

"Debalde procuro
O campo, as florestas:
Imagens funestas

Me seguem até lá.
Nas lapas, nas rochas,
Debaixo da terra,
Um busto me aterra,
Um homem está.

Co'os olhos brilhantes,
Co'as faces formosas,
Co'os lábios de rosas
Sorri-se para mim. (...)

E sempre a sorrir-se
Qual moça inocente,

Co'um modo contente
Dizendo-me adeus.
Renego-te, ó anjo
Faltal, sempiterno,
Ou venhas do inferno,
Ou venhas de Deus!

Essas imagens, esses fantasmas, essas angústias religioso-existenciais levam o pobre poeta-monge ao Desespero, à Blasfêmia. Ao Desafio a Deus.

"Correndo assombrado
Do vulto gravoso,
Veloz, pressuroso,
Demando a solidão
Mas, ainda correndo,
Se volto co'os olhos,
Encontro os sobrolhos
Da eterna visão.

Sedento de ralva
Que nunca me finda,
Mais válido ainda
Maldigo meus pais.
Depois elevando
A vista ao supremo
Maldigo do Eterno
Por ser dos mortais

Desesperado então, maldigo o espaço,
Maldigo o céu e a terra, o vácuo e o pleno
Em cada criação deparo um erro
Nem acho Deus tão sábio" (**Saudade**)

4. A função inútil do Monge e a missão evangelizadora do Poeta

Assim como a Humanidade foi salva pelo sangue derramado de um de seus filhos, caberia ao Poeta-Monge — não ao monge-poeta —, repetir o sacrifício cruento de redimir, uma vez mais, "este mundo que Deus remiu" porque ele, o mundo, "não é composto de vãos ateus" (**A freira**)

E daí sua entrada para o claustro. Não se trata, me parece, de uma vocação frustrada. Trata-se, isto sim, de cumprir uma missão que a ele foi confiada. Mas quem entrou para o Convento não foi o homem que queria se tornar monge. Foi o Poeta que procurou, na solidão das quatro paredes do Claustro, longe do mundo, longe das criaturas humanas o cumpri-

mento da Missão que lhe fora confiada: encontrar Deus. Para si e para os outros:

“Os sons do fácil órgão:
A voz dos corifeus:
As orações dos crentes
O susto dos ateus:
Tudo aprega e prova:

— Aqui domina Deus! (O incenso do altar)

Mas a missão salvadora do Poeta está acima de missão do monge:

“Nem elegias ternas de saudade
Sobre o túmulo teu disse um poeta.
Do ministro de Deus a voz apenas
Pode-se ouvir monótona e quieta” (Nênia)
E esta missão redentora do Vate não se completa nunca.

A morte virá cortar o trabalho de transformar, aqui, o Inferno em Céu:

“Não tenho ainda o meu dever completo.
Minha missão me chama.
Uma impróvisa nênia.
Concede-me um instante, um verso, um canto,
Quem hoje desce à profundidade do nada
Foi infeliz, — foi monge”... (AI)

O Vate não é deste mundo. E nem cabe nos claustros:

“Salve por mim, — ó malfadado gênio,
Onde as cidades nem os claustros cabem!”
(Frei Bastos)

O claustro não é morada do Poeta:

“Tive a calúnia tétrica vestida
Por mãos a Deus sagradas.
Tive a calúnia — que mais livre abrange
Ó Deus! vossas moradas.

Iludimo-nos todos! — Concebemos
Um paraíso eterno:
E quando nele sôfregos tocamos,
Achamos um inferno.

Que sobre nós — os filhos da desgraça —
Levantes um troféu

E que não aches, — como nós achamos
Inferno em vez do céu.

(A profissão de frei João das Mercês Ramos)

E porque o claustro é um “covil imundo” (Saudade); um “sepulcro imundo” (A morte do claustro); há que sair. Só ficam neles os que não foram chamados à grande missão de salvar, novamente, a Humanidade. Os que amam “a indolência” (Saudade); ou os que preferem viver presos “num ócio vil” (A freira); num “ócio infamante” (O monge).

“Trucida as almas solidão forçada
Barbariza, asselvaça” (O monge)

O claustro não é, pois, lugar adequado para quem pretenda ter uma missão evangelizadora. Quer seja Poeta. Quer seja Monge.

Muito mais do que uma confissão-arrepentimento pelo fato de no convento, ter entrado, parece existir em Junqueira Freire uma crítica ao Sistema Monacal da Igreja Católica. Parece existir uma crítica às Ordens Contemplativas, cujo ócio contradiz as determinações de Deus Pai. Porque:

“Deus ama, Deus manda, Deus benze o trabalho,
Deus paga o trabalho co’os prêmios de glórias..’
(Soror Angela)

E daí o poema — O jesuíta —, monge ou padre igual a ele. E, no entanto, realizado. E, no entanto, feliz. Feliz porque trabalhou:

“Eternos tempos eu ergui sozinho,
Eternos como a duração da terra.
E sozinho sagrei altares tantos
Ao Deus que aos ímpios c’o trovão aterra.”
Feliz e realizado, porque, como o Poeta, a Missão de Jesuíta também penou incompreensões:

“Eu dei às tribos uma crença doce,
Eu levantei alcáceres eternos.
Deram-me os homens proscrição e morte,
Deram-me em prêmio as fezes dos infernos”.

O Jesuíta, um novo Poeta. O Poeta, um novo Cristo!
“Eu, entretanto, — o bardo, que não vivo,
Mas duro apenas nessa férrea idade,
A qual minha não é (...)
Eu me consolo. — Do cantor mesquinho,
Qu’aos homens não, — a Deus ergue seus hinos

— Na bastecida turma dos poetas.”
(Os claustros)

... O poeta, na sua missão evangelizadora se torna um novo Redentor.

Não se trata porém da revolta romântica que gira em torno da não submissão a Deus. E até da decisão de enfrentá-lo. Não. Neste ponto, Junqueira Freire é essencialmente clássico. Pois ele crê e aceita Deus. Apenas, entende, que ao Poeta — ao Poeta e não ao Ministro de Deus —, está reservada a atitude messiânica de Salvar a Vida. Não há conflito. Há tão somente uma complementação de uma realidade conquistada por um Salvador que o precedeu: Cristo.

“Reformai, reformai: — mas os fenômenos
Das mãos do Eterno penderão, quais dantes. (...)
Mudai, — se podeis tanto, — a natureza,
Arrematai perfeita a obra vossa
Arrebatai das mãos de Deus o cetro,
— E cantareis vitória — ó filantropos! (Os claustros)
Junqueira Freire-monge sente a inutilidade de sua vida monacal que não lhe permite a obra evangelizadora:

“Homem que fui não sou. Meu ser, meu todo
Fugiu-me, esvaeceu-se, transformou-se,
Vivo, mas acabei meu ser primeiro” (O monge)
Este sentimento de um vazio inútil, em escala ascendente, passa de um complexo de culpa e pode chegar à loucura, à blasfêmia e ao sacrilégio:

“Senhor! eu não sou réu, — tu bem o sabes
De sacrilégio tal! Perdoa ao ímpio,
Ao ímpio feito por mais ímpios que ele” (O monge)

“E o monge verga ao desespero o colo,
E julga mão divina a mão que o toca,
E blasfema do Cristo, e as aras cospe,
E a cruz e a Bíblia entre delírios pisa (...)
Tal o furor que a escravidão excita”
(O monge)

Isto porque falta ao monge aquilo de que não podem prescindir as dinâmicas obras de evangelização: a liberdade.

“Tal sou, tal é o monge, — ente não-homem
A quem privou-se a liberdade, — e nela
Privada toda a consciência em nada.
O crime, a raiva no seu peito habita”
(O monge)

5. A descida do Monge a subida do Poeta

O claustro é a mentira. O pecado. A perversão. O claustro é o Inferno feito pelos homens para os homens que nele buscam o céu.

“É mentira. Essa lei violenta
Não foi feita por Nosso Senhor.
Nosso Deus não nos prende com ferros.
Mas com laços de dócil amor” (Meu filho no claustro)
E porque “almas dignas de Deus — Deus sempre as ouve”

(Al) há em Junqueira Freire uma concepção cristã — e não podia ser de outro modo, afinal se tratava de um monge da Igreja Católica — da Mansão Celestial que se encontra depois da morte. Que se encontra lá-em-cima:

“Ah! não devo chorar. Além dos mundos
Eu vejo o céu, vejo o infinito, o imenso:
É o trono sem fim do Deus Eterno:
E a Deus lá em cima vão juntar-se os justos
É lá que a vida parará perpétua,
É lá que os tempos, sem correr, imóveis
Não sucedem-se mais, — são sempre eternos.
Não chorarei: — que essa terrena vida
É um crisol que as sensações apura,
Para chegar a Deus mais casto o espírito.
Não chorarei: — que a ocasião da morte
É o degrau mais alto para o Eterno.

Antes devo pedir ao céu que apresse
Meu momento também. Quero ir bem cedo
A Deus e a ele unificar-me eterno.” (Canto fúnebre)

O caminho para esta subida é nitidamente o da teologia católica: amar o próximo; amar a Deus; rezar; os Dez Mandamentos!

“Quem sabe ser amigo em si resume
As virtudes do céu, os bens divinos”
(Canto fúnebre)

Sepulte-se a descrença em negras trevas
De negro inferno.
Cria a razão nas justiças
Do Deus eterno (Meditação)
“E não sabe buscar, — de tonto e fátuo,
Em Deus consolação.

E não sabe incensar os pés do Eterno
Co'os fumos da oração" (Pobre e Soberbo)

O mundo, o claustro, a terra, nada mais são do que uma ante-sala da Mansão Celestial. Aquela que dá verdadeira Paz e Realização. Mas para chegar até ela é preciso vencer o Demônio. Que também foi Anjo. E que por isso transformou o mundo no seu reino de Contradições. Contradições que podem levar para os abismos do Inferno. Para a descida!

"Ó como é fácil o pendor do abismo" (Frei Bastos)

É preciso, portanto, vencer o Demônio. E seus erros.

"Tu minha crença os erros me rodeias.
Levado em turbilhões de excelso crimes,
Té'gora estive em báratros de inferno
Não me lembra o que vi; mas sei que errava
Por lagoas de asfalto, ares de enxofre.
Tu, de lá me arrancaste, ó crença minha.
Mais belos, são teus insondáveis erros!
Templo, abismo de Deus, abre-me o selo.
Sou cristão outra vez: sou teu: venceste." (O converso)

Por que os erros do Demônio são permitidos por Deus para testar seus filhos:

"Castigo infinito,
Tantálico, eterno,
Que veio do inferno
Por ordem de Deus" (Misantropo)

"Porque Deus também às vezes
Para os abismos nos lança,
Para vermos seus castigos,
Seus tesouros de vingança" (Porque canto)

A Morte é a passagem para a subida. A Morte é a saída deste Vale de Lágrimas para a Mansão que Deus tem preparado a quem lhe foi fiel. A quem nele acreditou. Mesmo que tenha sido ímpio e descrente:

"Aprende aqui, — ó ente depravado,
A ter fé no Senhor, que te criara.
Serás então, — feliz, se olhar quiseres
Além da vida efêmera da terra,
Outra vida nos céus, o que não se acaba"
(A morte no claustro)

Conclusão

Há em *Inspiração do Claustro* prêmio para os bons e castigos para os maus, numa exata posição da teologia católica, embora adaptada, em alguns pontos, a uma concepção romântica. O monge Junqueira Freire tem uma concepção cristã do Paraíso e do Inferno. Aquele só pode ser alcançado, depois da morte. E, mesmo assim, apenas pelos bons; pelos que sofreram "neste vale de lágrimas".

Os maus, os que fazem desta terra um paraíso, não terão por onde se salvar. Depois da morte encontrarão o Inferno:

"Ímpio! — tu não tens alma,
Ou não a queres ter?"

"Ateu! — medita: é tempo
De ainda haver perdão" (O incenso do altar)
Deus é imbatível. Perene e eterna será sua vitória:

"Tramai, tramai co'a fúria dos demônios,
Tramai contra o Senhor e os crentes n'Ele.
Balda loucura; a cruz espezinhada
Há de erguer-se maior noutro Calvário".
(Os claustros)

Os que nesta terra, viveram o Inferno de dores, de provações, de angústias, de incompreensões, estes terão a recompensa do Paraíso, porque:

"A pátria tua é tão somente o Eterno"

(Os dois cadáveres)

"Serás então feliz, — se olhar a quiseres,
Além da vida efêmera da terra,
Outra vida nos céus — que não se acaba"

(A morte do Claustro)

Junqueira Freire, em *Inspirações do Claustro* agiu como um escritor católico. Para ele, como para todos os que professam essa religião, o Inferno é esta vida.

É por isto que o livro lembra, até certo ponto, a oração que diz "a vós suspirando, gemendo e chorando neste vale de lágrimas".

E a salvação, milagre da bondade de Deus, virá para todos quantos tenham vivido em estado de graça. Em todos quantos não tenham conscientemente pecado contra Deus e contra o próximo. Em todos quantos, rezando, alcancem a Salvação.

Junqueira Freire escreveu **Inspirações do Claustro** não como blasfêmia. Mas para rezar (1). Para pedir a Deus que o encaminhasse à Mansão Celestial com os méritos, não de ter sido monge, mas de ter bem executado a evangelização de Trovador. E de ter vivido, com que dores, na ante-sala da terra que, para ele, fora o Inferno de divinas provações. Porque a missão a ele atribuída fora a de ser Poeta.

E se não foi um excelente Ministro do Senhor, a serviço de sua Igreja, foi, pelo menos, um razoável Poeta, a serviço do Povo de Deus. E se a Forma nem sempre está ajustada ao Fundo, nem por isto estão diminuídas a força e a autenticidade de sua Pregação.

(1) Diz o Autor, no Prólogo do livro: "Não posso concluir este prólogo sem cumprir com o dever sagrado do agradecimento para com o Revm. cônego José Joaquim da Fonseca Lima, e padre-mestre Domingos José de Brito, pelas ilsongeiras expressões de animação e benevolência que me dirigiram, por vezes, nas colunas do **Noticiador Católico**."

Parece que o Revm. Cônego compreendeu bem a finalidade do livro.